



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Dossiê

“A EDUCAÇÃO DOS FILHOS”: PEQUENAS PORÇÕES DE PEDAGOGIA PARA OS PAIS PELO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE

Evelyn de Almeida Orlando¹

RESUMO

Este artigo apresenta o discurso da Igreja direcionado às famílias sobre a educação dos filhos nos anos de 1950, a partir da voz de um dos seus representantes, o Monsenhor Álvaro Negromonte. Compreendido como parte de sua Biblioteca Pedagógica o manual *A Educação dos Filhos* faz parte de uma trilogia endereçada às famílias e se constitui na principal fonte deste trabalho. Corresponde ao segundo livro da trilogia e se constitui como uma espécie de Tratado Pedagógico cujo objetivo era orientar os pais na tarefa da educar os seus filhos. A análise do manual teve como âncora os concei-

tos de Bibliotecas Pedagógicas de Chartier (1994) e Sgarbi (2001) e Tratados pedagógicos tal como propõe pensar Carvalho (2001; 2006). Assim, este trabalho analisa um conjunto de saberes e práticas orientados pela Igreja Católica no sentido de formar as famílias a partir de impressos produzidos com finalidade pedagógica específica voltada para a educação dos filhos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação das famílias. Igreja Católica. Impressos

ABSTRACT

This article presents the discourse Catholic Church addressed to families about their children's education in the 1950s, from the voice of one of its representatives, Monsignor Alvaro Negromonte. Comprehended as part of his Pedagogical Library, the guidebook "Education of Children" is part of a trilogy directed to families and constitutes the main source of this work. It corresponds to the second book of the trilogy and is constituted as some kind of Pedagogical Treaty which purpose was to guide parents in the task of educating their children. The analysis of the manual was an-

chored on the concepts of Pedagogical Libraries of the Chartier (1994) and Sgarbi (2001), and Pedagogical Treaties as proposed by Carvalho (2001; 2006). Thus, this paper analyzes a set of knowledges and practices guided by the Catholic Church in order to form families from printings produced with specific pedagogical purpose directed the education of children.

KEYWORDS

Education of Families. Catholic Church. Printings

RESUMEN

Este artículo presenta el discurso de la Iglesia dirigido a las familias sobre la educación de los hijos en los años de 1950, a partir del discurso de uno de sus representantes, Monseñor Álvaro Negromonte. Como un componente de su Biblioteca Pedagógica, el manual *La Educación de los hijos* forma parte de una trilogía destinada a las familias y constituye la principal fuente de este trabajo. Corresponde al segundo libro de la trilogía y se constituye como una especie de Tratado Pedagógico con el objetivo de orientar a los padres en la tarea de educar a sus hijos. El análisis del manual se basa en los concep-

tos de Bibliotecas Pedagógicas de Chartier (1994) y Sgarbi (2001) y en Tratados Pedagógicos tal y como nos sugiere pensar Carvalho (2001; 2006). De esta forma, este trabajo analiza un conjunto de saberes y prácticas orientados por La Iglesia Católica para la formación de las familias a partir de libros producidos con una finalidad pedagógica específica para la educación de los hijos.

PALABRAS-CLAVE

Educación de las familias. Iglesia Católica. Impresos.

UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA OBRA

Este artigo analisa o livro *A educação dos Filhos* buscando compreender o discurso da Igreja direcionado às famílias sobre essa temática nos anos de 1950, a partir da voz do Monsenhor Álvaro Negromonte². O livro faz parte da Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte³, mais especificamente, da trilogia direcionada às famílias. Publicado como o segundo da trilogia, este livro se constitui como uma espécie de Tratado Pedagógico⁴ cujo objetivo era orientar os pais na tarefa da educar os seus filhos. Assim, este trabalho analisa um conjunto de saberes e práticas orientados pela Igreja Católica no sentido de formar as famílias a partir de impressos produzidos com finalidade pedagógica específica voltada para a educação dos filhos.

2. Intelectual católico que atuou de forma expressiva na renovação da pedagogia católica no Brasil, entre os anos de 1930 e 1960, tendo se tornado conhecido, sobretudo, pelo seu trabalho voltado para o ensino religioso de catecismo. Seu leque de atuação, entretanto, alçou vãos que o fizeram circular em todo o país intervindo sempre que possível nas questões sociais de seu tempo.

3. A Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte é o termo cunhado pela pesquisadora, inspirado nas coleções pedagógicas que se difundiram no Brasil a partir dos anos 1920 com um sentido político de intervenção no campo pedagógico (TOLEDO, 2001) e no conceito de “bibliotecas sem muros” de Chartier (1994) que não diz respeito a sua conformação material, e sim ao signo universal da biblioteca sem paredes, que pode ser o inventário de “todos os livros já escritos sobre qualquer tema”, produzidos e postos em circulação para alcançar o(s) leitor(es) ou uma comunidade de leitores, que no caso deste trabalho, se trata, fundamentalmente, dos leitores católicos, apesar de não se restringir a eles; foi também inspirado nas “Bibliotecas Pedagógicas Católicas”, termo utilizado por Sgarbi (2001) ao se referir ao conjunto de títulos ou catálogos de impressos católicos (livros, revistas, jornais, etc.) divulgados pela revista *A Ordem* e pela *Revista Brasileira de Pedagogia*, como meios pedagógicos destinados aos intelectuais e ao professorado, respectivamente, no sentido de forjar uma cultura cristã, salvaguardando a amplitude da pedagogia católica que extrapolava o espaço escolar. Sobre a Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Negromonte, ver Orlando (2013)

4. Os Tratados Pedagógicos, que são entendidos neste trabalho tal como define Carvalho (2006, p. 168). Para a autora os tratados se constituem como uma unidade de análise do impresso e se organizam como corpo sistematizado de saberes e de doutrinas dedutivamente estabelecidos a partir de princípios de natureza científica ou filosófica [...]. Neste caso, são textos que se referem à promoção dos saberes-fundamentos da pedagogia católica com sugestões de aplicações práticas, seguindo uma tendência moderna dos Tratados. Não diz respeito apenas às “artes de fazer”, à técnica em si; ele propõe a experiência da teoria aplicada.

O manual *A Educação dos filhos* teve um percurso diferente dos outros livros para a família. Sua primeira edição foi em 1955, pela José Olympio, com o título *O que fazer do seu filho*. Em 1961, a Edições Rumo lançou nova edição do manual, mudando seu título para *A Educação dos filhos*, mas mantendo toda organização e conteúdo da José Olympio. Este trabalho, contudo, é baseado na 3ª edição, também publicada pela Rumo, em 1966.

A mudança de título articulada à mudança de editora é bastante sugestiva, parece alargar o leque dos destinatários e seu sentido pode ser visto como pedagógico e econômico, ao mesmo tempo. Pelas reedições, é possível afirmar que a estratégia foi positiva, já que a mudança acarretou duas edições a mais em um intervalo de dois anos, contra uma edição em cinco anos, na Editora José Olympio. A capa acompanhou a mudança. A nova forma, em papel-cartão de cores vivas – amarelo e vermelho – com destaque para o título, centralizado, em letras garrafais vermelhas em fundo amarelo, conferem uma visibilidade mais agressiva, urgente e viva à obra, buscando realmente chamar a atenção dos pais para a temática. Na parte superior, o nome do autor em letras brancas e fundo vermelho e na inferior, o nome da editora com chamada idêntica a do autor.

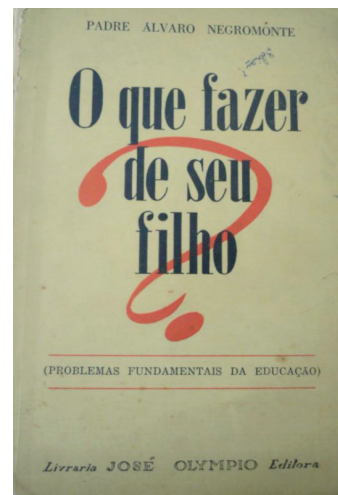


Figura 20: Capa do livro *O que fazer do seu filho*. 1955.

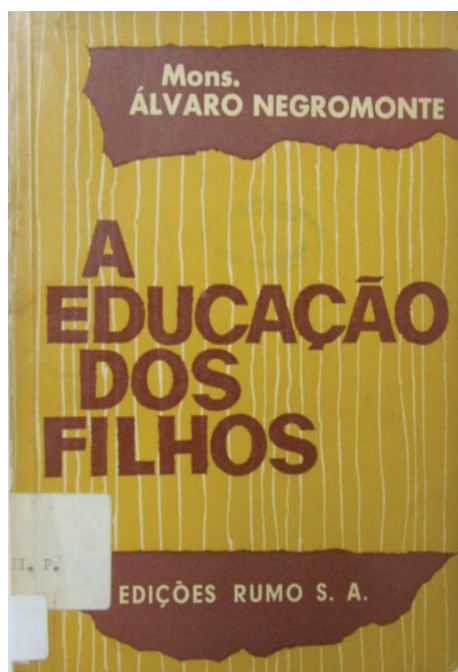


Figura 21: Capa do livro *A Educação dos Filhos*, 1961.

Do ponto de vista material, a obra remete a outros protocolos de leitura que orientam, mais uma vez, a disposição que o leitor deve ter diante da temática em questão. Semelhante aos outros livros do autor, este manual se apresenta em uma brochura de formato 18 x 13 cm, fácil de manusear, como era de costume. O livro é relativamente curto, com 148 páginas, das quais 16 são destinadas aos elementos pré-textuais, o que sugere uma estratégia de não cansar o leitor, já que ele não pretendia esgotar a temática apenas nesse manual. O livro não apresenta ilustrações, sugerindo o endereçamento a um leitor mais maduro. O prefácio é apresentado em forma de pórtico, contendo pequenas reflexões sobre educação. O índice foi posto ao final do texto, como uma forma estratégica de fazer com que o leitor não lesse apenas os tópicos que interessam mais emergencialmente, conduzindo-o, diretamente, à leitura do texto.

As referências bibliográficas aparecem no corpo do texto e em notas de rodapé. De modo geral, o livro

apresenta um corpo sistematizado de saberes e doutrinas estabelecidas a partir de princípios de natureza filosófica e científica acerca da educação infantil sob a ótica do catolicismo. Ao longo de todo o texto, a principal preocupação do autor está voltada para reforçar o conceito de educação católica, afirmando que a Pedagogia católica está assentada em um tripé: o corpo, o intelecto e a alma. Divide-se em seis partes, distribuídas da seguinte maneira: educação e conceito de vida, educação integral, ideal da educação, educação física, educação intelectual e educação moral. Cada uma dessas partes é desenvolvida em sub-temas. Pode-se notar que a maior atenção é dada à educação intelectual e moral, ambas com quatorze sub-temas e número de páginas correspondentes, trinta e sete e quarenta e uma, respectivamente.

2 PEQUENAS PORÇÕES DE PEDAGOGIA PARA OS PAIS

Do ponto de vista do conteúdo, o livro tinha como objetivo proporcionar aos pais o conhecimento de cada uma das dimensões anunciadas no sumário para melhor atuarem naquilo que a Igreja chama de educação integral, ponto convergente de toda a educação do indivíduo. De acordo com Negromonte,

como na vida, o corpo, a inteligência, a vontade e a graça devem conviver no mesmo indivíduo, sem separações impossíveis, mas na unidade do mesmo ser, para nós o ideal é reunir a tríplice cultura humana, dourando-a com a graça divina [...] Este o verdadeiro conceito de homem e da vida. É por ele e nele que temos que educar. Neste rumo caminharemos; neste rumo faremos caminhar os que a Providência Divina confia a nossos cuidados. Podemos resumir nossa orientação educacional nessa síntese magistral: 'cuidar do corpo para servir à alma; cuidar da inteligência para servir à vontade; cuidar da vontade para servir a Deus' (NEGROMONTE, 1966, p. 28).

A visão integral defende a abrangência do homem em sua totalidade, sem perder de vista o rumo da educação. Ancorado nas diferentes correntes pedagógi-

cas em voga à época, o autor apontava para as suas particularidades e para o que considerava as maiores deficiências de cada uma. Os materialistas eram criticados pelo padre, por só considerarem a dimensão da matéria e concentrarem sua preocupação apenas em relação aos seus cuidados, tais como saúde, força, beleza, instintos, habilidades técnicas, facilidades de gozar a vida, etc.; os intelectualistas, por cultivarem em demasia a inteligência em detrimento da moral; os pragmatistas, por pensarem que a vida é uma ação encaminhada para a vitória e essa é a utilidade prática do saber; os individualistas, por tratarem do indivíduo como se fosse único no mundo, os coletivistas, pelo extremo oposto, ou seja, por diluírem o homem na comunidade; e, os voluntaristas, por fixarem sua atenção apenas na formação das vontades.

Transitando por várias concepções de educação, o autor fechava no conceito católico, afirmando que este “tem a vantagem de abranger o homem em sua totalidade – corpo e espírito” considera ponto de partida e a meta final. “Entre o sujeito e o termo da educação está a transição a fazer, com os indispensáveis processos, cuja eficiência vai depender de um conjunto de condições sobremaneira complexas” (NEGROMONTE, 1966, p. 31).

Fixado o ponto de chegada, o autor conduz o leitor a refletir sobre atingi-lo de maneira eficaz. Mas, na pedagogia católica, tanto os métodos quanto o processo em si, são apresentados apenas como os meios para atingir o fim. A maior crítica da pedagogia católica em relação às outras pedagogias da época, sobretudo às escolanovistas, consistia em fazer dos meios o fim da educação. Mesmo na ótica de autores, como Negromonte, que diziam abertamente dialogar com tudo que a moderna pedagogia trazia de inovador e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem, esse ponto era alvo de severas críticas.

Tal crítica, no entanto, não era sinônimo de rechaçamento de tais práticas. O próprio autor defendia a necessidade de se conhecer a criança e o adolescente

em termos gerais, tanto quanto defendia a necessidade de considerar, cada um, em suas especificidades, levando em conta um conjunto de características pessoais que engloba gostos, tendências, temperamentos, reações, etc. Dessa forma, seria possível pensar, estrategicamente, para cada educando, nos meios mais apropriados de se alcançar o fim desejado. Mas, mesmo tendo em vista o fim desejado, essa ideia de finalidade é tratada pelo padre em uma escala hierárquica. Para ele, os fins podem ser organizados em primários e secundários

Sendo o fim da educação o homem integral, tudo há de convergir para lá, como partes para o todo [...] Os fins secundários da educação (que são os fins imediatos do aperfeiçoamento de cada faculdade) se devem encadear entre si, de modo a servir um ao outro, de acordo com o seu lugar no composto humano, e a servir em todos ao fim último. Há faculdades inferiores e superiores. Um bom corpo é para servir à alma: já os pagãos queriam *‘mens sana corpore sano’*. Uma boa inteligência, para esclarecer e nortear a vontade forte e decidida, para servir a Deus e ao próximo por amor de Deus. (NEGROMONTE, 1966, p. 35)

Essa hierarquização dos fins possui um sentido pedagógico que dá a ver como se encaminham as estratégias pedagógicas na ótica do catolicismo. Manter ideais mais próximos ou parciais é um estímulo transitório, em relação ao fim último, porém eficaz do ponto de vista pedagógico. Sob essa ótica, o processo de aperfeiçoamento humano deveria apoiar-se em dois pontos: a inteligência e a vontade.

Ambas deveriam ser trabalhadas de forma conjunta, porque, de acordo com o padre, uma sem a outra não seria suficiente. Só a inteligência, segundo Negromonte, não é suficiente para fazer o homem se mover e só a vontade forma o fanático.

A vontade está, portanto, associada ao desejo, uma força que, em si mesma, é considerada por Negromonte como indiferente. Sua potencialidade está no encaminhamento que lhe é dado, podendo servir tanto para o bem, quanto para o mal. “A solução está

em interessarmos as paixões no verdadeiro ideal, aproveitando de suas forças, preparando-as, cultivando-as e canalizando-as para a propulsão moral” (NEGROMONTE, 1966, p. 48). Esta técnica, na concepção católica, deveria servir para nortear as práticas do educador sobre os educandos. Um dos domínios da pedagogia seria o de cuidar da regulação dessas forças, as quais, segundo o autor, deveriam estar submissas, disciplinadas e, por conseguinte, acostumadas a obedecer. Para isso, quanto mais cedo se começasse, maior êxito se conseguiria.

Mais uma vez, o projeto de formação do indivíduo, na concepção católica, apresenta semelhanças com aqueles propostos por outros intelectuais identificados com a educação laica que, de modo geral, estavam interessados em formar uma nação assentada nos princípios da civilização. Atentos também para as três dimensões norteadoras da educação - física, intelectual e moral - o grupo dos educadores católicos⁵ propuseram uma articulação dessas bases, no intuito de formar o homem na sua integralidade.

Na disputa pelo campo educacional e pela formação dos cidadãos, esse grupo foi crescendo à ideia de “boa educação”, elementos do discurso científico, sobretudo da Medicina, que vinha se afirmando e intervindo, de diferentes maneiras na vida cotidiana da sociedade brasileira do século XX. Os discursos médicos, segundo Stephanou (2005), não tratavam de uma educação qualquer,

mas de uma educação ‘completa’. Somente uma educação ‘integral’ e fundada nos conhecimentos científicos poderia dar conta de obra tão grandiosa que lhe estava reservada. Somente uma terra bem preparada poderia dar bons frutos’ [...] os discursos médicos não se restringiam a defender uma bandeira genérica de

educação e saúde como solução dos problemas nacionais. Há uma intensa discussão sobre qual saúde e qual educação. Não apenas uma saúde física, mas mental, moral, intelectual. Não apenas uma educação intelectual, mas física, mental, moral, sexual (STEPHANOU, 2005, p. 145)

No Brasil, a construção do projeto modelar de família burguesa sofreu fortes impactos da razão médica e eclesiológica, atendendo aos critérios de monogamia, conjugabilidade, fidelidade, reprodutividade e não consanguinidade, buscando conciliar, quando possível, interesses dos diferentes grupos envolvidos na sua constituição (GONDRA, 2002; MAGALDI, 2007). Do ponto de vista da Igreja, esses critérios serviriam não só para manter os princípios da fé, como também para reproduzi-los junto às novas famílias constituídas com base em tais preceitos. Do ponto de vista da Medicina, esse caráter conservador da Igreja serviria para instaurar uma ordem médica, sanadora, regeneradora, essencial ao progresso almejado.

No que concerne aos pontos de aproximação - entre Igreja e campo médico - em relação à educação física, é interessante ressaltar, ainda, como Negromonte ancorou seu tratado para os pais não apenas nos cânones da Filosofia, mas também nos cânones científicos da Medicina. O autor dialogou com os enunciados higienistas, quando se referia à saúde física, deixando claro o seu entendimento sobre suas implicações na vida social. A educação física, na concepção católica, aparecia relacionada aos cuidados necessários para assegurar a formação de um homem forte e saudável. As prescrições nesse sentido, mais uma vez, reforçavam a educação física em uma dimensão mais ampla, que abrangia o inculcamento de um conjunto de hábitos capazes de assegurar um corpo saudável, com duas finalidades distintas: a saúde física e intelectual, ambas convergindo para o mesmo fim: “assegurar ao homem o domínio do espírito sobre a matéria; formar um espírito forte através de um corpo forte” (NEGROMONTE, 1966, p. 56).

Atento a essa finalidade, o padre elencou, neste livro, um conjunto de elementos fundamentais para a educação do corpo como o ar; a luz; o alimento; o

5. Esse grupo é entendido neste trabalho na mesma perspectiva proposta por Magaldi, não considerando apenas a “fé religiosa, de natureza individual do intelectual em questão, mas sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Tal projeto educacional possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos” (MAGALDI, 2007, p. 102)

domínio do paladar; a mesa; corpo e espírito (capacidade de conter os impulsos do corpo pela força do espírito); o sono; o asseio; as brincadeiras; os jogos; os passeios e excursões. Todos esses itens aparecem em perfeita consonância com as prescrições médicas de saneamento da sociedade e dos indivíduos que nortearam as práticas pedagógicas, nas quais diferentes atores se envolveram na produção de uma cultura que foi se forjando cada vez mais urbana e civilizada.

Ao destacar a importância do ar, da luz, do sono, do asseio, associando-os a aspectos de ordem pedagógica e higiênica, ele afirmava que, segundo os meios médicos e educacionais, esses elementos produziam rebatimentos diretos na saúde física e na aprendizagem dos indivíduos. Além disso, contribuía com a formação de hábitos de assistência e perseverança, tanto dos pais quanto dos filhos.

Os cuidados com o sono e a alimentação, além de atenderem às necessidades do corpo e também incidirem sobre as questões da aprendizagem, recebiam uma tônica, pela maneira como auxiliavam no controle dos impulsos. Os hábitos que se formam em torno da alimentação revelam o quanto o indivíduo é capaz de auto-regular suas pulsões e demonstrar sua boa educação. Para isso, um conjunto de orientações foi prescrito aos pais, em relação à qualidade, quantidade, horário, modo e tranquilidade, de forma articulada a idéia de refreamento dos impulsos, fundamental ao cultivo de um corpo casto.

O orientador informe-se e oriente as refeições pelo seu valor alimentício. A arte culinária disponha os alimentos de modo que o gosto facilite o que for mais indicado à saúde [...]. O hábito de comer o que está à mesa não é apenas das boas maneiras: supõe domínio de si e é indício de espírito cristão, pois é recomendação do Senhor aos seus discípulos: 'Comi tudo que vos servirem'. Crianças que comem a todo instante, em vez de fazerem só às refeições, mais prejudicam à fortaleza moral, ao domínio de si, que à boa digestão e robustez corporal [...]. As boas maneiras ao comer são específicas da espécie humana, muito mais que simples exigência de bom tom [...]. À mesa, como em poucas oportunidades, se conhece um homem edu-

cado [...]. Seja a refeição um momento tranqüilo, de amável convivência doméstica. Todos à mesa em seus lugares certos ou previamente indicados pela mãe, sem pressa, falando de assuntos agradáveis, em tom moderado, aguardando o momento de ser servidos, se disporão a todas as vantagens da alimentação [...]. O espírito deve comandar a alimentação, restando os excessos, ditando as abstenções necessárias à saúde, a sobriedade tão digna do homem, e a mortificação controladora dos desregramentos do paladar, como de todos os instintos [...]. O grande De Maistre disse que só sabe conter-se, aos 30 anos, diante de uma mulher bonita, quem, aos 3, aprendeu a conter-se diante de um bombom (NEGROMONTE, 1966, p. 60-62)

Os recreios, os jogos e as excursões são indicados como instâncias de movimento, onde a criança deveria desenvolver suas aptidões, explorar seus limites e suas potencialidades. A demasiada dependência da criança em relação ao adulto era apontada pelo padre como prejudicial para a criança e para a sociedade, pois no futuro seria um adulto sem capacidade de agir por si e tomar decisões próprias quando preciso. As excursões a pé também eram valorizadas, pelo seu aspecto benéfico ao corpo. Segundo o autor, é um dos exercícios mais completos, por contribuir na formação da robustez física. Os passeios de carro, na sua concepção, apesar de serem divertidos, não contribuem com o desenvolvimento físico das crianças, prejudicam a moral, alimentando a mentalidade burguesa, assinalada por ele como excessivamente comodista e fraca, e contrariam o princípio básico da educação física na pedagogia católica, que consiste em formar um corpo sadio e resistente para servir a um espírito ainda mais sadio e resistente.

Depois de abordar a educação física, a educação intelectual concentra a segunda maior parte da obra, quase com o mesmo número de páginas que a educação moral. Não só em relação ao número de páginas elas são correspondentes, mas na abordagem realizada, a formação intelectual e moral estão intrinsecamente relacionadas. O desenvolvimento do intelecto é associado pelo autor à formação da vontade, mas esta última deveria estar a serviço da inteligência. Daí, a necessidade de atentar para os cuidados com a sua

formação. “Formá-la devidamente é o mais precioso, o mais importante e, frequentemente, o mais esquecido cuidado” (NEGROMONTE, 1966, p. 68). O objetivo da educação intelectual consistiria, portanto, em dar ao educando “a capacidade de julgar com acerto”. Tal empreendimento requer o desenvolvimento de outras faculdades que corroboram com essa meta. Negromonte fornece, ainda, uma espécie de caminho para que a formação intelectual e a produção de conhecimento pelo indivíduo ocorram na sua amplitude. Para ele,

Os sentidos apreendem. A imaginação representa. A inteligência dá o primeiro passo: apodera-se da imagem, despindo-a de suas características individuais, universalizando-a. Trabalha as ideias, juntando-as ou separando-as, afirmando ou negando: - é o juízo. Conduzir o educando à boa formação dos juízos é a grande tarefa da educação intelectual. Nisto entram os sentidos, com a apreensão clara e precisa do objeto nos seus aspectos sensíveis. Entra a atenção, em cuja formação o educador não deve poupar esforços. Entra a análise decompondo o objeto em suas várias partes – ou a síntese, reduzindo os conjuntos à maior simplicidade possível. E todo o precioso trabalho de comparar, de unir ou separar ideias, de estabelecer-lhes a conveniência ou oposição, é da reflexão- a volta da mente aos próprios atos. Somente assim se forma a inteligência e se leva o educando à capacidade de julgar, básica no conhecimento das coisas, no discernimento dos homens, na própria vida moral (NEGROMONTE, 1966, p. 69)

A educação dos sentidos figurava em primeiro plano, não só pela importância da sensibilidade à qual está atrelada, mas pela condição básica para uma boa aprendizagem. Razão pela qual deveria ser estimulada, através de trabalhos manuais, jogos, brincadeiras, e tudo o mais que permitisse o seu desenvolvimento, sem prejuízo moral. Ao tratar dos trabalhos manuais, o autor buscava subsídios em Froebel e Montessori, recomendando suas orientações aos pais para a educação dos pequenos. Os trabalhos manuais e os jogos, no entanto, não deveriam substituir o refinamento dos sentidos em suas potencialidades, como a audição e a visão, daí o estímulo a atividades como visitas a museus e exposições, concertos, declamações ou mesmo, na esfera doméstica, o incentivo ao

uso da vitrola. A curiosidade, a atenção, a imaginação eram faculdades destacadas pelo padre como potenciais para a educação intelectual. A imaginação era outro excelente auxiliar da educação intelectual, porque aparecia diretamente relacionada à memória, devendo, por isso, ser compreendida e estimulada nas diferentes fases de desenvolvimento do educando. Essas três faculdades mencionadas primeiramente, não sem razão, estavam relacionadas ao interesse da criança e sua motivação em aprender. Nesse ponto, o padre Negromonte mantinha um diálogo estreito com Claparède, e com o primado do interesse como elemento motivador da aprendizagem.

A inteligência bem formada nessa direção se torna a principal aliada da auto-regulação como dispositivo de controle. É nessa direção que o Monsenhor Negromonte conduz e define a sua proposta de educação intelectual:

Ensinar a pensar, muito mais do que fornecer conhecimentos; formar a inteligência, muito mais do que informá-la; é despertar a capacidade de compreender. É dar certa autonomia mental, na medida em que ela é necessária. É preparar para o discernimento. É encaminhar o educando a usar de sua inteligência; a pensar por si; a saber valer-se da cabeça que Deus lhe deu (NEGROMONTE, 1966, p. 87, 88)

Segundo o Monsenhor, nessa capacidade de discernimento estaria o melhor da formação intelectual. Para tanto, o raciocínio e a reflexão eram temas caros em seus Tratados de Pedagogia para os pais.

A última parte da obra, reservada à “educação moral”, constituiu o maior esforço do padre. Nesta, ele buscava tratar da formação do santo, do homem do dever, senhor de si, membro de um corpo, sempre em busca da perfeição. Esses itens exaltavam o ideal da educação que não dizia respeito ao físico e ao intelecto apenas, mas, sobretudo, à alma, meta a ser atingida.

O domínio de si era a palavra-chave para alcançar o ideal, mas era pelo interesse que se conseguiria desenvolvê-lo. Como o próprio Negromonte afirma-

va, “não bastam porém, a pregação moral, o apelo à virtude, o ensino abstrato, a exigência do dever. O segredo está em despertar o interesse da criança pela prática dos atos correspondentes ao ideal” (NEGROMONTE, 1966, p. 114). Como membro de uma sociedade, o educando deveria ser preparado para a vida, de maneira que sua formação estivesse vinculada à sociedade, devendo fazer parte de um mesmo projeto pedagógico a ser desenvolvido desde cedo.

A afirmação individual dá consistência e vigor à personalidade, evitando as capitulações dissolventes; a expansão social impede o egoísmo e a avareza, multiplicando benefícios. Isoladas, estas duas tendências deformam; unidas, dão o homem completo de que tanto precisamos. Freá-las ou desenvolvê-las para que não se façam excessivas ou deficientes, é trabalho da educação (NEGROMONTE, 1966, p. 117).

Nesse caso, é necessário formar essas convicções para que determinem as tendências que inclinarão a conduta dos indivíduos. Para isso,

não vale argumentar que a obediência é tanto mais perfeita quanto maior submissão demonstra a autoridade. Não prejudiquemos a marcha da formação com o desejo precipitado de atingir o ideal. Aos jovens apresentemos a lei divina como mais conforme à própria razão. E, ao mesmo tempo, formemo-los para terem ideais conformes com a lei divina. Esta equação facilita imensamente o trabalho. Demos-lhes as razões das ordens de Deus, proporcionando-as sempre à sua mentalidade de adolescentes. Quando lhes tivermos mostrado que as imposições dos mandamentos coincidem com o seu modo de pensar, teremos reduzido de muito os tropeços da obediência. Criamos uma atitude simpática e o resto virá como acréscimo (NEGROMONTE, 1954, p.12).

A consciência é, portanto, considerada essencial no processo de construção de uma moral cristã. “É um juízo prático pelo qual se julga, em cada circunstância, o que é obrigatório, permitido ou proibido” (NEGROMONTE, 1954a, p.23). Manter a prática regular de examinar a consciência era uma forma de incutir no indivíduo o auto-controle das suas emoções. Esse seria o primeiro passo para sedimentar o *habitus* no indivíduo. Dispositivos de controle e vigilância como a confissão, por

exemplo, dependem da iniciativa do sujeito e o filtro que ele usa para medir o que deve revelar ao sacerdote passa pelo auto-exame e a vontade de fazer o que sua mente esclarecida entende que é certo. “Nosso dever é infundir na criança o sincero desejo de corrigir-se [...] trabalho pessoal do educando, em que somos cooperadores transitórios porque amanhã, ele há de agir sozinho” (NEGROMONTE, 1966, p. 139).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao capacitar os pais para exercerem a educação dos filhos, de acordo com os enunciados pedagógicos modernos, a Igreja chamava-os à responsabilidade para a sua parte da tarefa, quebrando o argumento utilizado por muitos dos pais daquele tempo, de não se considerarem capacitados para tal missão, e proporcionando uma possibilidade de diálogo com a escola que, se não era visível no discurso, era possível de ser apreendida nas ações propostas para a casa e a escola.

Se os saberes pedagógicos foram se tornando cada vez mais científicos e penetrando o dia-a-dia das famílias, por outro lado, as famílias não assistiram a tudo isso passivamente. O que se apresenta como uma problemática instigante para o campo é a dualidade do processo civilizador pela escola e pelas famílias, em uma tentativa de buscar apreender em que medida os saberes pedagógicos modelaram as práticas educativas desenvolvidas por essas duas instituições.

O que fica evidente no projeto educacional do Monseñor Álvaro Negromonte é que a Igreja empreendeu um esforço de subsidiar as famílias teoricamente para a tarefa educativa que tinham a desempenhar, ancorando os saberes inerentes a essa tarefa promovida na esfera privada, nos mesmos fundamentos da moderna pedagogia que vinha subsidiando a educação escolar. Essa missão educacional que foi absorvida pelas famílias e que fez com elas buscassem por maior instrumentalização no ofício de educar que desencadeou a profusão de livros e manuais publicados por médicos,

psicólogos, psicanalistas, educadores e sacerdotes em sua direção nos anos de 1920 e 1930, nos anos de 1950 teve outra conotação.

Se, por causa da guerra, as mulheres da classe média passaram a desempenhar papéis sociais antes impensados para elas como comerciantes, administradoras, industriárias, escritoras, e as condições e vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres reforçadas pelo ideal de democracia e participação presentes nos discursos políticos, após a guerra, “as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina [...] passaram a pregar a volta das mulheres ao seus lares e aos valores tradicionais da sociedade” (BASSANEZI, 2011, p. 608).

A intervenção da Igreja nessa temática ia ao encontro não só da pedagogia, no sentido de auxiliar os pais a cooperarem com as escolas, fornecendo uma educação consoante aquela que os seus filhos estariam recebendo da instituição escolar, mas também, e talvez, sobretudo, ia em direção da ideologia dos Anos Dourados, na qual “maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina, sem possibilidade de contestação” (PINSKY, 2011, p. 610). Ao instrumentalizar a família com porções de pedagogia, Negromonte chamava as mulheres, sobretudo, a desempenharem seu papel no interior da vida privada, fornecendo as mesmas os subsídios necessários para o desempenho desta tarefa. Publicar uma trilogia para as famílias nos anos de 1950 é evidência o braço social da educação católica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios, o tratado e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura de professores. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia (Org.). **Tópicos de História da Educação**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 137-167.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso

e circulação internacional de modelos pedagógicos. *In*: PINTASSILGO, Joaquim et al. (Org.). **História da escola em Portugal e no Brasil**: circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Colibri, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994.

GONDRA, José Gonçalves. Modificar com brandura e prevenir com cautela: Racionalidade médica e higienização da infância. *In*: FREITAS, Marcos César de; KUHLMANN Jr., Moysés (Org.). **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Receitas de civilização: a aliança médico, mulher e a educação da família brasileira na Primeira República. **Saúde, Sexo e Educação**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 6-17, 2005.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **Lições de casa**: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte, MG: Arumentvm, 2007.

NEGROMONTE, Álvaro. **Educação dos filhos**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Rumo, 1966.

NEGROMONTE, Álvaro. O que fazer de seu filho? Rio de Janeiro: Rumo 1961.

NEGROMONTE, Álvaro. **O Caminho da Vida**: moral cristã (para a quarta série ginasial). 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Educar-se para educar: o projeto pedagógico do monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013.

PINSKY, Bassanezi Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2011, p. 607-639.

SGARBI, Antônio Donizetti. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas**: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). 2001. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

STEPHANOU, Maria. “Discursos médicos e educação sanitária na escola brasileira. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria helena Câmara (org.): **História e memórias da educação no Brasil** - Vol. III - Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 142- 164.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao editorial (1931-1981). 2001. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

1. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: evelynorlando@gmail.com